

Organizado por:
Márcio Aragão

LIBERUM

Contos e Poemas com Tema Livre



LIBERUM

Contos e Poemas com Tema Livre

Organizador: Márcio Aragão

capa

Márcio Aragão

revisão de texto

Márcio Aragão

diagramação

Márcio Aragão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Liberum [livro eletrônico] : contos e poemas com
tema livre / organização Márcio Aragão. --
Fortaleza, CE : Criativante, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-981301-7-6

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Poesia
brasileira - Coletâneas I. Aragão, Márcio.

24-215657

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados aos respectivos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou copiada por quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito do(a) respectivo(a)s autor(a)s.

Esta obra foi idealizada para ter distribuição GRATUITA em formato digital (PDF). Venda e/ou distribuição em qualquer outro formato são proibidas.

ÍNDICE

Dúvida e Indiferença - por Benny Regilys.....	7
Toque - por Benny Regilys.....	9
Remédio - por Benny Regilys.....	11
Sem Título - por Benny Regilys.....	13
Às Angústias do Desvanecer, eu nego! - por Chico Jr.....	15
Evanescências - por Chico Jr.....	18
Implenitudes - por Chico Jr.....	20
Lembranças - por Chico Jr.....	23
A Liberdade da Opressão - por Luciana Ferreira da Silva.....	26
Menina Mulher - por Márcio Aragão.....	32

Nota do Organizador

Olá a você! Antes de mais nada, quero dizer que sou muito grato pelo seu interesse em nosso trabalho! Os autores e autoras aqui presentes foram escolhidos visando o nosso maior objetivo: disponibilizar-lhe textos de qualidade para que tenha um excelente entretenimento! Espero que você também vivencie os momentos únicos e gratificantes que eu vivenciei ao ler estes textos pela primeira vez (e em escrever também, afinal também tenho um poema aqui no livro!). Tenha uma excelente leitura!

Márcio Aragão

Escrever é a maior das liberdades e a melhor das viagens!

Márcio Aragão

Apresentamos o microconto:

DÚVIDA e INDIFERENÇA

por

Benny Regilys

Benny Regilys é um garoto nordestino nascido em abril, filho mais velho de 2 irmãs e com pais músicos. Tem diversos hobbies e talentos que vão de modelo e ator, até a escritor e bailarino.

Por que ? Por que você do nada? Some do nada? Por que não deixa claro, palavra por palavra? No que está passando ou sentindo? Por que só coloca dúvidas sobre mim ao invés de certezas?

Por que diz que gosta de mim e ao mesmo tempo me trata com indiferença? Por que me trata como o amor de sua vida e some? Por que? Por que você faz isso comigo? Por que não vai simplesmente embora e me deixa em paz?

Apresentamos o microconto:

TOQUE

por

Benny Regilys

Benny Regilys é um garoto nordestino nascido em abril, filho mais velho de 2 irmãs e com pais músicos. Tem diversos hobbies e talentos que vão de modelo e ator, até a escritor e bailarino.

Eu não gosto de mim quando estou com você, pois as palavras que saem de você não parecem verdadeiras. Você me deixa vazio e triste, mas seu beijo soa como um ecstasy para meu corpo. E eu me quebrei muitas vezes tentando sair da sua frente, mas mesmo assim, ainda continuo implorando por seu toque.

Apresentamos o microconto:

REMÉDIO

por

Benny Regilys

Benny Regilys é um garoto nordestino nascido em abril, filho mais velho de 2 irmãs e com pais músicos. Tem diversos hobbies e talentos que vão de modelo e ator, até a escritor e bailarino.

O gosto doce quando você me beija vem das pílulas que você toma. Eu sinto isso depois que você me beija. Você não aprecia tanto a beleza das coisas simples da vida, e eu me sinto impotente por não conseguir muda isso em você. Mas ainda permaneço ao seu lado e faço parte desse mundo sombrio.

Apresentamos o microconto:

SEM TÍTULO

por

Benny Regilys

Benny Regilys é um garoto nordestino nascido em abril, filho mais velho de 2 irmãs e com pais músicos. Tem diversos hobbies e talentos que vão de modelo e ator, até a escritor e bailarino.

Você puxa minhas roupas íntimas enquanto beija-me o corpo todo. Podemos pegar pesado nesse sábado a noite, se beijando e se tocando sob a luz da lua em tons azuis, eu sinto seu corpo elétrico. Hoje nós dois faremos eletricidade juntos baby. Hoje provaremos que dois corpos podem ocupar o mesmo espaço.

Apresentamos o conto:

Às angústias do desvanecer, eu nego!

por

Chico Jr.

Francisco Azevedo Costa Júnior, o Chico Jr, é natural do Rio de Janeiro. Em 2024 completou 54 anos. Contador de ofício e de histórias é autor do Livro de poesias Exorcismos do Pensamento e do Livro Mistério no Edifício Twin Towers SP, além de participação em diversas antologias no Brasil e no exterior.

Quando as palavras não querem a minha companhia, eu vou busca-las aonde elas se escondem. Afinal, eu preciso escrever para continuar a existir. Quão angustiantes elas podem ser quando não estão com vontade de se aconchegar comigo. Eu não me importo em implorar para que elas venham. Mas enquanto isso não acontece só me resta o triste fixar do olhar na tela em branco do meu smartphone. Tão branco quanto a cor dos meus vazios pensamentos. O piscar intermitente do cursor é uma eternidade que eu não desejo. Não consigo juntar as letras em palavras que façam algum sentido porque eu não as estou sentindo, e neste estado de não existência, simplesmente não tenho nada para dizer. Todavia, eu me nego a deixar de existir! Prefiro me arriscar nos labirintos meus em busca de alguma caixa de memórias antigas, empoeirada, guardada nas minhas profundezas a desvanecer aos poucos até desaparecer por completo. Quem sabe não vem de lá uma pista que me ponha novamente no rastro da inspiração? Isso pode ser perigoso, mas eu não ligo. Estou disposto a pagar para ver. E assim eu sigo a explorar. Sem querer eu esbarro numa dessas caixas minhas e a derrubo. Espalham-se dentro de mim antigas lembranças e sentimentos que, há muito tempo, eu havia esquecido. Senti como se fosse ontem a doçura do meu primeiro beijo, a dor da perda de um querido amigo, do aperto no coração que uma despedida, dos cafés e levatares da minha juventude. Como o açúcar atrai as formigas, me parece que descobri uma forma de chamar a atenção das palavras. Curiosas, percebo que elas se sentem atraídas pelos

cheiros que minhas pretéritas alegrias e frustrações exalam pelos poros do meu corpo. Não demora muito para que a inspiração se aproxime e eu a envolvo com um caloroso abraço na inocente esperança de que ela nunca mais irá se afastar de mim... Doce ilusão.

Apresentamos o conto:

Evanescências

por

Chico Jr.

Francisco Azevedo Costa Júnior, o Chico Jr, é natural do Rio de Janeiro. Em 2024 completou 54 anos. Contador de ofício e de histórias é autor do Livro de poesias Exorcismos do Pensamento e do Livro Mistério no Edifício Twin Towers SP, além de participação em diversas antologias no Brasil e no exterior.

Eu abro os meus olhos e vejo. Estou numa praia de areias brancas. O mar está tão calmo, que mais parece uma lagoa de águas esverdeadas e cristalinas. Meus pés levemente afundados na areia são tocados pela água salgada, nem quente e nem fria, e uma agradável brisa vinda do leste sopra suave envolvendo todo o meu corpo. Seria um daqueles momentos agradáveis, onde o tempo parece que para, se não fosse a percepção que todo o cenário ganha um contorno difuso e borrado como se estivesse desvanecendo lentamente e, por todos os lados, esse desaparecer converge na minha direção.

Apesar de ser perturbadora a sensação de que tudo some gradualmente, eu permaneço com uma aparente expressão de serenidade no rosto. Meu olhar não se desvia do lindo pôr do sol que abrilhanta o horizonte. Eu tenho consciência do que me espera no final, mas o medo não me faz companhia.

Em certo momento os meus contornos começam a mesclar-se com o ambiente. Eu sinto que minha existência despede-se do mundo material e se aproxima cada vez mais do que é etéreo.

Quando estou prestes a desaparecer, eu acordo. Meu despertar coincide com alvorecer de um novo dia. Instintivamente eu olho para as minhas mãos e com elas eu toco o meu corpo. Graças a Deus, eu estou vivo! Tudo não passou de evanescências dos meus pensamentos pregando-me uma peça.

Apresentamos o poema:

Implenitudes

por

Chico Jr.

Francisco Azevedo Costa Júnior, o Chico Jr, é natural do Rio de Janeiro. Em 2024 completou 54 anos. Contador de ofício e de histórias é autor do Livro de poesias Exorcismos do Pensamento e do Livro Mistério no Edifício Twin Towers SP, além de participação em diversas antologias no Brasil e no exterior.

Em um dia qualquer.

Eu abro os olhos e percebo o quanto os anos me deram adeus.
Enquanto o sol da manhã chega dissipando a bruma das minhas
ilusões.

Sobre a mesa um coador de pano recebe o pó de café.

Que de colher em colher...

Mistura-se em alquimia com a água fervente.

Valha-me Deus!

Hoje eu estou na lona.

Bebo um gole de café bem quente.

Que não chega a ser suficiente.

Pois ainda sinto o frio abraço do fracasso e das decepções.

Fitando as chamas alaranjadas ardendo dentro do fogão à lenha.

Ouçõ o mugido das vacas no momento da ordenha.

Inexiste a sensação de pertencimento quando se está sozinho.

Nada parece ser suficiente para me resgatar dos meus porões.

Esforço-me a tentar dar um sentido a tudo àquilo.

Que emergindo do meu submundo vêm à tona.

A percepção de quantos sonhos e amigos foram deixados pelos
caminhos.

Nos intermináveis minutos em que a chaleira de leite leva para chiar.

Desconstruo o meu tecido vital ao ponto de me fiar.

E assim me resigno, pois eu me fi-lo!

Nesse imperfeito tear.

A ansiedade me engana e aos meus pulmões.

A respiração acelera para suprir minha falta de ar.

Entre as frestas de um passado que não parecia ser tão distante.

Acendem e se apagam como vaga-lumes em minha mente.

Desvelando, em flashes de memória, as atitudes...

Que me trouxeram até a borda deste abismo onde eu contemplo as
minhas impenitências.

Apresentamos o conto:

Lembranças

por

Chico Jr.

Francisco Azevedo Costa Júnior, o Chico Jr, é natural do Rio de Janeiro. Em 2024 completou 54 anos. Contador de ofício e de histórias é autor do Livro de poesias Exorcismos do Pensamento e do Livro Mistério no Edifício Twin Towers SP, além de participação em diversas antologias no Brasil e no exterior.

Eu sonhei com a quietude do amanhecer. Nem sempre consigo me reconhecer nos lugares e emoções que povoam a minha mente enquanto durmo. Mas hoje foi diferente, pois tenho guardado no meu peito boas lembranças de uma juventude vividas à beira mar.

No meu sonho, enquanto as primeiras luzes douradas rompiam a escuridão da noite. Eu me encontrava em contemplação abraçado a uma solidão reconfortante em meio à praia deserta.

Uma fogueira foi a minha companheira por toda a noite, já que o sono não quis me fazer companhia. A pequena labareda de fogo dançava ao ritmo do vento que vinha do mar. Entre as minhas mãos repousava uma caneca de café quente que ajudava a me aquecer.

O aroma familiar de café quentinho vinha acompanhado de memórias de tempos mais simples e calorosos da infância. Aninhado pelo abraço suave de um cobertor que outrora pertenceu a minha madrinha, eu busco encontrar serenidade em meio às dúvidas que teimam em querer se chegar, semeando ansiedade ao meu coração e provocando um turbilhão de emoções às quais estou tentando me afastar.

A incerteza da cura, tanto de corpo quanto de alma, permeia a minha jornada, pairando como uma sombra sobre meu ser. O que poderia me impulsionar, diante do obscuro que me cerca, a encontrar uma centelha de esperança para seguir em frente?

Como eu queria voltar no tempo com uma caderneta rabiscada de anotações indicando o caminho a seguir. Assim eu deixaria para trás tudo de imperfeito que existe em mim. Eu não quero mais essa sensação de me sentir quebrado e incompleto. Não faça isso, não!

Uma voz grita do amago do meu ser e ordena para que eu vá até o espelho d'água e olhe para o que eu vejo. No instante que uma lágrima percorre o meu rosto, eu penso: Ainda bem que isso não é possível. Eu gosto do que observo e, para ser sincero, eu gosto ainda mais da forma com que preencho as minhas lacunas existenciais.

Neste instante, essa mesma voz sussurra suavemente ao meu ouvido: meu menino, está na hora de acordar.

Apresentamos o conto:

A Liberdade da Opressão

por

Luciana Ferreira da Silva

Luciana Ferreira da Silva é docente na Unifesp – Campus São José dos Campos. É graduada em Ciências Sociais pela Unesp; mestre em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp; doutora em Educação pela USP. Para mais informações e contato: lucianaferreiradasilva.com e/ou [@profalucianaferreira](https://www.instagram.com/profalucianaferreira)

Anoiteceu. As estrelas, o luar e o vento suave deram lugar ao foguetório e grunhidos. As criaturas das sombras saíram dos bueiros, das frestas e de lugares tão visíveis e óbvios que Ellie culpou-se pela ingenuidade de não perceber antes. Eram milhões, sem exagero.

Ellie gastou suas poucas energias para levantar-se da cama. Fechou toda a casa. Desligou as luzes. Voltou à cama e ficou em perplexidade, olhando para o teto em breu. Nas proximidades, as criaturas rastejantes davam saltos em delírio de euforia diante da deflagração do Senhor Liberta-dor ao poder.

As criaturas transferiram ao Senhor Liberta-dor todo seu poder político para que fizesse dele o que entendesse, afinal, esse seria a encarnação do bem. As criaturas não paravam de gritar e soltar foguetes. Por mais que Ellie tentasse se desdobrar, ou seja, sair temporariamente de seu corpo e do mundo, não conseguia. Estava ali em perplexidade, medo e solidão. Sentia ameaças por todos os lados e poros. A sensação de finitude da humanidade alternava drasticamente com o gelar em seu corpo e o queimar em sua face. Respirou paulatinamente para evitar o desespero. Seu semblante deixou de ficar rígido e a mente fluiu para um lugar onde a aceitação da lei de causa e efeito imperaria. Escorregavam pensamentos de punições, das quais se sentia acima e intocável. Iludia-se ao buscar a crença em sua imunidade diante dos atos e fatos. Tentava se enganar. Não convencia sequer a si. Petrificou.

No dia seguinte, a obrigação de trabalhar fez com que Ellie saísse, rastejante, da cama. Na rua, olhava todas as criaturas como

potenciais agressores. A cidade em que residia era majoritariamente formada por essas criaturas. Não usaria mais diversas peças de seu guarda-roupa: as de sete cores, as verdes, as amarelas, as engajadas, as vermelhas. Poderia parecer covardia, talvez fosse mesmo, no entanto, em sua mente, especialmente, as vermelhas eram alvos. As mãos empunhavam arminhas para todos os lados. Usar certas vestimentas seria praticamente dizer às criaturas: já que apontam armas, me atinjam! Ellie, na verdade, tinha plena consciência de que seu âmagô fora alvejado. Era misto de tristeza, amargura, vazio. Enquanto isso, as criaturas pareciam babar gosmas em brados retumbantes de que eram, finalmente, livres para falarem e fazerem o que suas ideologias determinavam. Aliás, o objetivo era fazer com que todos, mesmo se discordassem, fizessem o que eles normatizassem. As criaturas se entendiam como arautos da verdade e da liberdade, inclusive a de oprimir. Essas criaturas se autoproclamavam intérpretes e arautos da verdade divina, segundo as suas crenças e percepções distópicas.

Por sua vez, Ellie imputou a si a condenação de enxergar cada ser como inimigo, como criatura, não humanos. Ou seriam demasiadamente humanos? As criaturas mais assustadoras seriam as assumidas ou aquelas que ficaram nas moitas, na penumbra, disfarçando o que eram e à espreita? Inquietações advindas desses questionamentos ocupavam sua mente o tempo todo.

Ellie notou que, com o passar do tempo, os resistentes foram se aglutinando, acolhendo e organizando lugares de refúgios. Mas,

para incrementar o espectro de umbral, uma pandemia assolou o pandemônio. Diante dessa tragédia para os resistentes, as oportunidades ficaram maiores para as criaturas. O respirar ficou ainda mais difícil. O resistir se tornou vital.

As criaturas em desespero reivindicavam a liberdade de serem mortas ou matarem. Seguiram a ordem dada pelo Senhor Libertador: contaminem-se uns aos outros, os mais fortes sobreviverão! Em pandemônio, a pandemia reuniu ainda mais as criaturas sedentas de ambição pela liberdade de ir e vir, de não se isolarem, de manterem a normalidade, de criar outra realidade simultânea e paralela. Encorajados pelo Senhor Libertador, transformariam sua ideologia em anticorpos e imunidade diante da doencinha que mataria apenas os fracos. As criaturas foram convencidas de que a doencinha era, apenas, uma invenção dos resistentes para prejudicar a nação. Elas babavam e lançavam jatos de brasas pelos olhos quando alguém cogitava defender o isolamento total por um período com o intuito de proteger a todos. Acusavam os que profanavam tal iniciativa de assassinos da liberdade e da economia. As criaturas entendiam que deveriam lutar pela liberdade - de morrer ou matar - pela doencinha ou morreriam de fome e miséria. A cognição limitada não captava a possibilidade de zelo e cuidados para evitar o morrer e matar pela doencinha e evitar a fome e miséria. O Senhor Libertador gargalhava da situação e imitava os sufocados. Os idólatras o aplaudiam. As batalhas entre resistentes e criaturas se efetivavam em

todos os espaços, desde os internos e familiares até nas ruas e redes sociais.

Eis que, com muita luta, um escudo contra a doencinha foi inventado. Tal doencinha já matara milhares, entre as criaturas, os resistentes e os sabujos. As criaturas se dividiram entre as que, disfarçadamente, adquiriam o escudo e aquelas que não aceitavam e tentavam impedir seu uso. Várias estratégias foram construídas para difamar o potencial defensivo do escudo inventado. Empunhando cartazes e gritando em prol da liberdade, as criaturas tentavam se livrar e defender do pânico de serem obrigadas a se protegerem com o escudo. Assim, as criaturas expandiram o movimento anti-escudo. E mais batalhas em prol da liberdade de morrer e matar eram travadas com vitórias estratégicas e consideráveis das criaturas.

Nos postos de distribuição de escudos, as filas eram gigantescas e históricas. Nunca se viu nada igual. Nelas se misturavam criaturas e resistentes de todas as vertentes e nuances, mas, conservando suas bandeiras de oposição exacerbada. Ellie, como todos os resistentes, ao ganhar seu escudo, chorou, tirou uma foto e postou em suas redes sociais. De posse do escudo, cada célula de seu corpo sentiu os efeitos de estar em proteção.

No cotidiano, dois mundos coexistiam: o redondo onde o pandemônio e a pandemia eram realidades e o plano onde o Senhor Libertador e suas criaturas viviam em liberdade eufórica que proporcionou o melhor governo com conquistas justas, honestas e impossíveis para outros. Em sua faceta messiânica, quanto mais

coisas ruins o Senhor Liberta-dor realizava, mais ele era idolatrado pelas criaturas. Mas, depois de tantas barbaridades e atrocidades, a resistência tomou grande parte do poder. A desolação ainda permaneceu. Parte das criaturas que mais veneravam o Senhor Liberta-dor se dissolveu e o solo se contaminou de ódio. Ellie anda com mais alívio mesmo sob campo minado. Muitos dos seus se foram, em aniquilação, pela pandemia, uns assassinados, outros por suicídio, tantos por profunda anomia. O pandemônio deixou grandes sequelas.

O Senhor Liberta-dor continua injetando ódio por onde passa, impunemente. As criaturas que o idolatram estão ainda piores do que antes. Ellie vive tempos de liberdade, com certo receio. Sabe-se que as criaturas estão à espreita, camufladas, no subsolo, aqui e acolá. Elas estão nas penumbras e transbordando. Apenas algumas assumidas em desfaçatez hipócrita. A maioria está nas sombras, na surdina, almejando o momento da grande libertação para oprimir.

Ellie e os seus sabem que a retirada do Senhor Liberta-dor do cargo de poder não é o fim da saga pela recuperação do mínimo bem-estar coletivo, trata-se apenas do primeiro passo. As criaturas rastejantes estão juntas e em construção de inúmeras armadilhas. Todos os lados lutam usando as mesmas palavras, com sentidos diferentes. E, dessa forma enlouquecedora, bradam por liberdade. A história continua.

Apresentamos o poema:

MENINA MULHER

por

Márcio Aragão

Márcio Aragão é um escritor e jornalista sergipano, radicado em Fortaleza-CE. Participou, dentre outras, das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009), “O Uivo do Lobo” (2023), “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII” (2023), “A Casa da Bruxa” (2023), “Contos e Poemas de Suspense e Terror” (2024) e “Contos e Poemas de Ficção Científica” (2024), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005), “Guardiões do Universo” (2009) e “Guardiões do Universo: Gênese” (2023).

Luz que ilumina
Flor que fascina
Cheiro que impregna
És a pessoa certa

Pensamentos suaves
No coração, a felicidade
Sorriso angelical
Um coração, afinal

Menina mulher
Que sabe o que quer
Menina mulher, aqui estou
Para quando quiser

Tormentas aparecem
Momentos bons perecem
Mas a felicidade permanece
Seus olhos me perseguem

E meus sorrisos crescem
És angelical

Meu sentimento, sem igual
Sentimento que nos contagia
E a mim explode de alegria

Este *eBook* é uma produção da editora Criativante. Para saber mais a respeito do nosso trabalho, por gentileza acesse o nosso site www.criativante.com.br, ou o nosso instagram: @criativanteeditora

Quer entrar em contato conosco para enviar seu conto, poema, livro, ou mesmo para obter maiores informações? Nosso e-mail é contatocriativante@gmail.com . Espero que tenha apreciado a leitura deste livro! Até a próxima!

Atenciosamente,

Márcio Aragão
Editor-Chefe
Criativante